



Uso irracional de psicotrópicos e prevenção quaternária: círculo de cultura com universitários

Irrational use of psychotropic drugs and quaternary prevention: culture circle with university students

Uso irracional de psicotrópicos y prevención cuaternaria: círculo de cultura con universitarios

Carine Vendruscolo 

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Rui Carlos do Sacramento 

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Ediliz da Silva 

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Maria Izabel de Abreu Bertuzzi 

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Leila Zanatta 

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Andréa Noeremberg Guimarães 

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó – Santa Catarina – Brasil

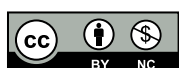
RESUMO

Objetivo: Promover a reflexão de estudantes de graduação em Enfermagem sobre as consequências do uso irracional de psicotrópicos à luz da Prevenção Quaternária. **Método:** Pesquisa participante, realizada com 15 estudantes do curso de graduação em Enfermagem, regularmente matriculados no curso e selecionados durante uma disciplina eletiva. As informações foram obtidas por meio de dois Círculos de Cultura, em três etapas: investigação temática; codificação e decodificação; e desvelamento crítico. Estas foram analisadas concomitante a sua coleta, conforme está previsto no método. **Resultados:** Resultaram três temas geradores: 1) A universidade gera ansiedade. Ansiedade e medo levam à medicalização; 2) A comunidade universitária precisa ter empatia e propor alternativas; 3) As pessoas precisam aprender sobre expressão emocional e alternativas para o sofrimento. As percepções tangenciam o que a literatura apresenta sobre a Prevenção Quaternária em relação ao uso indevido de psicotrópicos, bem como sobre a necessidade de incentivar o uso de práticas alternativas entre eles. **Considerações Finais:** O contexto universitário provoca ansiedade, e pode levar à medicalização, por vezes, desnecessária. A pesquisa participante contribuiu para a problematização sobre a temática, para a reflexão dos estudantes, e apresentou potencial mudança de comportamento.

Descritores: Prevenção Quaternária; Psicotrópicos; Estudantes de Enfermagem; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To promote reflection among undergraduate nursing students on the consequences of the irrational use of psychotropic drugs in light of Quaternary Prevention. **Method:** Participatory research, carried out with 15 undergraduate Nursing students, regularly enrolled in the course, and selected during an elective course. The information was obtained through two Culture Circles, in three stages: thematic investigation, coding and decoding, and critical unveiling. These were analyzed concurrently with their collection, as specified in the method. **Results:** Three themes emerged: 1) University generates anxiety. Anxiety and fear lead to medicalization; 2) The university community needs to have empathy and propose alternatives; 3) People need to learn about emotional expression and alternatives to suffering. The perceptions touch on what the literature presents about Quaternary Prevention concerning the misuse of psychotropic drugs, as well as the need to encourage the use of alternative



Este artigo está publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho seja corretamente citado.

Recebido em: 25/04/2024

Aceito em: 06/05/2025

practices among them. **Final Considerations:** The university context causes anxiety and can lead to sometimes unnecessary medicalization. Participatory research contributed to problematizing the topic, encouraging students to reflect, and presented potential behavior change.

Descriptors: Quaternary Prevention; Psychotropic Drugs; Nursing Students; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Promover la reflexión de estudiantes de grado en Enfermería sobre las consecuencias del uso irracional de psicotrópicos a la luz de la Prevención Cuaternaria. **Método:** Investigación participativa realizada con 15 estudiantes del curso de pregrado en Enfermería, regularmente matriculados y seleccionados durante una asignatura optativa. Las informaciones fueron recolectadas mediante dos Círculos de Cultura, desarrollados en tres etapas: investigación temática, codificación y decodificación, y develamiento crítico. Estas fueron analizadas de manera simultánea a su recolección, conforme lo establece el método. **Resultados:** Surgieron tres temas generadores: 1) La universidad genera ansiedad. La ansiedad y el miedo conducen a la medicalización; 2) La comunidad universitaria necesita tener empatía y proponer alternativas; 3) Las personas necesitan aprender sobre expresión emocional y alternativas al sufrimiento. Las percepciones recogidas se aproximan a lo que la literatura expone sobre la Prevención Cuaternaria en relación con el uso indebido de psicotrópicos, así como a la necesidad de fomentar el uso de prácticas alternativas entre los estudiantes. **Consideraciones finales:** El contexto universitario provoca ansiedad y puede conducir a una medicalización, en ocasiones innecesaria. La investigación participativa contribuyó a la problematización del tema, a la reflexión por parte de los estudiantes y mostró potencial para el cambio de comportamiento.

Descriptores: Prevención Cuaternaria; Psicotrópicos; Estudiantes de Enfermería; Enfermería.

INTRODUÇÃO

O uso excessivo ou irracional de psicotrópicos constitui uma gradual preocupação para a saúde pública, especialmente quanto à utilização por jovens, possivelmente devido às tensões que são marcas dos tempos atuais. Entre universitários, as cobranças afligem e resultam em problemas que podem levar ao uso desnecessário de medicamentos, tais como os ansiolíticos, os antidepressivos e os psicoestimulantes. A utilização e a indicação de psicotrópicos têm aumentado nas últimas décadas, não só em quantidade, como também em relação ao período de utilização. Essa irracionalidade é associada a aspectos sociodemográficos, como idade e sexo, a certos fatores psicossociais, além da influência de amigos e da própria família⁽¹⁻²⁾. Apesar de as drogas dessa natureza serem consumidas pela população de forma geral, constata-se um maior uso de psicotrópicos entre os universitários. No Brasil, as substâncias psicoativas de maior consumo são: álcool (74,6%), cigarro (44,0%), maconha (8,8%), solventes (6,1%), benzodiazepínicos (5,6%), estimulantes de apetite (4,1%) e outros estimulantes (3,2%). Estas drogas são as que geram maior dependência, apresentando, respectivamente, em valor percentual 12,3%, 10,1%, 1,2%, 0,5%, 0,2% e 0,2% para dependência química⁽³⁾.

O III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, realizado em 2017, avaliou o uso de medicamentos não prescritos por profissionais da saúde ou utilizados de forma diferente da prescrita. Os resultados mostraram que as classes de medicamentos mais consumidas dessa forma ao longo da vida foram os benzodiazepínicos (3,9%), os opiáceos (2,9%) e os anfetamínicos (1,4%). O consumo de medicamentos não prescritos nos últimos 30 dias variou de 0,3%, entre os indivíduos de 12 a 17 anos, a 1,6% entre, indivíduos de 25 a 34 anos⁽⁴⁾.

Ressalta-se que essas medicações são de fácil acesso e, em alguns casos são prescritas por profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS). Esse nível de atenção tem se expandido muito no Sistema Único de Saúde (SUS), por meio do trabalho das equipes de saúde, que têm como missão substituir o cuidado medicalizante por ações mais alternativas. Mesmo assim, pelos altos índices de consumo de psicotrópicos, percebe-se a importância de divulgar, por meio do SUS, o conceito e as possíveis ações preventivas, considerando a Prevenção Quaternária (P4)⁽²⁾. O nível preventivo P4 se baseia em dois princípios: um deles é o da proporcionalidade, em que os benefícios das intervenções precisam ser maiores do que os riscos; e o da precaução, derivado do termo latino *primum non nocere*, significa que é imprescindível não causar nenhum tipo de lesão ao paciente⁽⁵⁾.

A P4 é uma definição recente, que significa a ação de reconhecer pessoas em ameaça de uso irracional ou excessivo de medicação, intervenções desnecessárias ou procedimentos demasiadamente invasivos e preservar o paciente dessas ações, evitando malefícios iatrogênicos ao trazer padrões moralmente aceitáveis de cuidado⁽⁶⁾. Trata-se de um conceito que vem sendo discutido principalmente na área da Enfermagem, pois os enfermeiros são profissionais prescritores e, em alguns países, estão habilitados a receitar esse tipo de medicação controlada.

Cumprir destacar que, sobretudo no Brasil, o enfermeiro tem uma vocação importante para a educação em saúde, sendo esta uma das dimensões do seu trabalho, juntamente com a atuação clínica e gerencial⁽⁷⁾. Isso torna relevante reconhecer a P4 como um dos níveis de prevenção⁽⁸⁾.

Entre universitários, tem sido prevalente o consumo indevido de medicações. Trata-se de uma questão ainda omissa, apesar de representar um grave problema de saúde pública, não havendo medidas ou políticas específicas para a atuação preventiva⁽⁹⁾. No Brasil, medicações psicotrópicas devem ser comercializadas exclusivamente com indicação médica e receituário controlado. Apesar disso, é crescente o número de pacientes que utilizam-nas sem adequada prescrição⁽⁴⁻¹⁰⁾. Um estudo demonstra que, no Brasil, os universitários utilizam medicações como ansiolíticos, barbitúricos e anfetaminas de forma indevida, os quais adquirem com amigos ou familiares que já fazem uso dessas medicações⁽¹¹⁾. Além disso, estudantes da saúde acabam tendo acesso aos fármacos e, por isso, entre estes, a frequência de uso é ainda maior⁽⁹⁻¹⁰⁾. Em relação aos acadêmicos de Enfermagem, há relatos de situações que exigem um desempenho acadêmico de excelência, além de sentirem a pressão de lidar com os elementos desgastantes e estressores da profissão⁽¹²⁻¹⁴⁾. A relevância do estudo centra-se no fato de que há poucas investigações acerca do uso de drogas por estudantes de diferentes cursos da área da saúde, sobretudo pesquisas de análise comparativa, com um hiato de uma década ou mais⁽³⁾.

Dessa forma, optou-se por realizar uma intervenção para a sensibilização sobre essa temática na universidade, diante da escassez de estudos que investiguem o uso dessas substâncias à luz da P4, especialmente, ancorados em metodologias participativas, com vistas à conscientização sobre os malefícios e mudança de comportamento. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo promover a reflexão de estudantes de graduação em Enfermagem sobre as consequências do uso irracional de psicotrópicos, à luz da Prevenção Quaternária.

MÉTODO

Pesquisa qualitativa do tipo ação participante. Configura-se como uma prática educativa, um pensar/fazer político-pedagógico, que se baseia na ideia do compartilhamento do conhecimento, com forte influência da *práxis* como unidade entre teoria e prática, combinada à perspectiva de uma permanente ação-reflexão-ação⁽¹⁵⁾.

Foi adotado o Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire, constituído pelas seguintes etapas interligadas: ⁽¹⁾ investigação temática – objetiva descobrir o universo vocabular dos participantes, palavras ou temas do seu cotidiano, que originam os temas geradores (TG); (2) codificação e decodificação – busca os significados dos TG e permite ampliar o conhecimento e a tomada de consciência; e (3) desvelamento crítico – apresenta a reflexão do que foi proposto na codificação objetiva para interpretar a realidade e as possibilidades de intervenção, reduzindo os TG, ou seja, agrupando-os a partir da releitura dos participantes⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

A Figura 1 a seguir apresenta um diagrama que ilustra o Itinerário de Paulo Freire, cujas etapas da pesquisa ocorrem em “um ir e vir”, não necessariamente obedecendo a uma ordem.



Figura 1– Método Círculo de Cultura por Paulo Freire

Fonte: elaborada pelos autores

A produção das informações foi realizada entre os meses de fevereiro e junho de 2023, em uma universidade pública localizada no oeste de Santa Catarina (SC), Brasil, mais especificamente, no departamento em que se desenvolve o curso de graduação em Enfermagem, em período integral. A população foi constituída por estudantes do curso de graduação de Enfermagem.

Os critérios de inclusão foram: estudantes de graduação em Enfermagem, com idade igual ou superior a 18 anos, regularmente matriculados no curso de graduação, na disciplina eletiva Processos Pedagógicos. Foram excluídos aqueles estudantes que estavam de licença-maternidade, atestado de saúde ou que não compareceram à aula no dia da produção das informações.

Optou-se por convidar estudantes de uma disciplina eletiva do curso, pois havia representantes de várias fases. Não era necessário que fizessem uso de medicamentos. O convite foi realizado na aula que antecedeu cada encontro, onde foi explicado do que se tratava, bem como estabelecido que deveriam permanecer em sala após a aula somente aqueles que desejassem participar da atividade.

Dos 21 estudantes matriculados na disciplina, participaram sete no primeiro encontro e mais oito no segundo, totalizando 15 participantes. A falta de adesão ao primeiro encontro tem relação com um feriado, que viria na sequência, pois parte dos estudantes precisaram sair antes do término da aula, a fim de obter transporte para as casas de seus familiares. Para tanto, foram preparadas perguntas disparadoras dos diálogos e materiais lúdicos para favorecer a reflexão crítica.

O Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire se desenvolve por meio de dois Círculos de Cultura, os quais proporcionam a aproximação entre pesquisadores e participantes da pesquisa, de modo a transformar o tema de interesse do pesquisador em utilidade coletiva. Os Círculos podem ser realizados com uma quantidade menor e variável de participantes, e a precisão epistemológica é garantida por meio de uma reflexão profunda e íntegra da realidade, desenvolvendo a autonomia do envolvido no processo de investigação⁽¹⁸⁾.

Os dois encontros tiveram duração média individual de uma hora. Os procedimentos respeitaram a prerrogativa de haver um moderador e um relator, sendo que o primeiro entrevistava, de modo a focalizar e aprofundar a discussão, e o segundo realizava as anotações e ocupava-se da gravação dos depoimentos em áudio.

O procedimento de análise das informações ocorreu por meio da leitura cuidadosa das informações registradas. Foram identificadas as temáticas significativas de cada momento da intervenção realizada, relacionando-as com o tema do estudo. Em seguida, os dados destacados nortearam a reflexão com os participantes dos Círculos de Cultura para decodificar e extrair os TG identificados pelo grupo. Os facilitadores realizaram a transcrição do material por meio de gravações em áudio e organizaram os registros da observação participante e do material produzido pelos participantes nos Círculos de Cultura⁽¹⁶⁾.

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme parecer 5.539.215. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo que autoriza a gravação dos Círculos, os quais foram registrados em dispositivo digital para posterior transcrição. O anonimato dos estudantes foi assegurado nos resultados ao apresentarem seus depoimentos com a codificação EU (de estudante universitário), seguida de número de ordem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa serão apresentados e discutidos no contexto de cada uma das etapas do Itinerário de Freire, que geraram os TG codificados, decodificados e desvelados. São eles: (1) A universidade gera ansiedade, ansiedade e medo levam à medicalização; (2) A comunidade universitária precisa ter empatia e propor alternativas; (3) As pessoas precisam aprender sobre expressão emocional e alternativas para o sofrimento.

Investigação Temática: a universidade gera ansiedade, ansiedade e medo levam à medicalização

Na investigação temática, objetivou-se extrair palavras significativas, oriundas da sua carga semântica, a partir do universo vocabular dos participantes. Essas palavras, os TG, por meio da combinação de seus elementos básicos, promovem a formação de outras. São significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos, que ilustram situações existenciais⁽¹⁷⁾.

No primeiro encontro, o mediador distribuiu folhas de papel coloridas e solicitou que os estudantes expressassem, por meio de desenhos ou símbolos, sentimentos de paz, harmonia, bem-estar e tristeza. Posteriormente, sugeriu que analisassem seu desenho em busca de caminhos para minimizar as situações mais difíceis, e que recordassem momentos nos quais optaram pelo uso de alguma substância para isso. Poderiam, também, pensar em pessoas que fazem uso de tal estratégia, já que os participantes não eram, necessariamente, usuários de substâncias e a intervenção tinha um propósito educativo/preventivo.

Ao considerar que a proposta de o Círculo de Cultura se configura como um espaço promotor de saúde, sugere-se que o mediador organize uma estratégia criativa e lúdica para percorrer as etapas do Itinerário, a fim de

se aproximar da realidade dos participantes de maneira concreta. O lúdico durante o processo educativo proporciona maior conexão com a realidade e ativa a interação e a construção do conhecimento coletivo, potencializando o protagonismo dos envolvidos na atividade, mediante a expressão de sentimentos e ideias⁽¹⁸⁾.

O moderador explicou a reflexão que fariam naquele momento, buscando significados nos seus desenhos. Eles expressaram situações vividas, demonstrando emoções diversas. Os depoimentos a seguir ilustram algumas das situações refletidas. Versam sobre o sentimento de segurança e afeto que aflora ao lembrarem-se da casa e do convívio familiar:

“[...] pensei na minha casa e na casa dos meus avós. Reparem que eles estão tomando chimarrão (risos) e, não sei, veio minha casa porque, quando penso em amor, vem minha casa, minha família, interior, meu cachorrinho [...] sobre tristeza, ansiedade, eu não saber para onde posso ir, talvez o que eu possa fazer ou não [pausa] e remédio, não sei se eu tomaria, mas se eu precisar tomar, não sei se eu vou conseguir”. (EU2)

Foi perceptível o sentimento de tristeza pelas perdas de entes queridos, falta/distância do companheiro(a) e, até mesmo, um certo alívio quando não precisam de substâncias para amenizar a tristeza. Os desenhos e as explicações remetem ao uso de medicações em momentos de ansiedade, causados, inclusive, pela universidade. As alegrias têm a ver com a família, a presença das pessoas que representam segurança, afeto e a religião. Alguns manifestaram não achar necessário nem gostar de utilizar medicações, sejam de que tipo forem.

O estudo da psicanálise aponta que o sofrimento costuma ser compreendido como algo que atormenta o ser humano, gera angústia e frustração. É constantemente representado pela falta, o que o torna inerente aos seres humanos, fazendo com que as pessoas desenvolvam mecanismos de alívio psíquico para lidar com ele, forjando elementos que ajudam a recolocar suas ausências e o vazio. Entre esses mecanismos de busca pela satisfação e fuga do desprazer, estão as drogas⁽¹⁹⁾.

“[...] minha casa: eu, minha mãe, meu pai, meu irmão, o meu passarinho [risos] e o meu cachorro. Coloquei um dia de sol, um dia feliz, então, que é o que traz bastante amor [...]. E, a parte de tristeza, eu coloquei vários pontos [interrogativos], porque eu já tomei medicação por um ano e pouco. No momento, eu não faço mais uso, consegui parar, eu comecei porque o meu pai teve um infarto, minha vó faleceu de acidente de carro e isso me trouxe muitas inseguranças [...]. Outra coisa que me deixa triste é porque eu namoro à distância, tenho que ficar longe do meu namorado [...]”. (EU1)

“[...] as pessoas da minha vida, que me deixam feliz, meus amigos, minha família [...] me deixa triste [pausa] as provas, tipo quando começa a ter muita prova prática me deixa muito ansiosa. Sobre a medicação, eu particularmente acho que precisaria tomar medicação”. (EU7)

“[...] a cruz para representar Jesus, porque eu sou de uma igreja e acredito em Deus e posso encontrar alívio [...] me dá mais tristeza é saber que você se esforçou no curso, que deu o seu máximo e que aquilo não foi o suficiente e eu me comparo muito com outras pessoas da turma [...] e questão de medicamentos, não que eu vá usar agora, mas, se necessário, não tem problema, é a ciência, você tem que seguir!”. (EU4)

“[...] a universidade, nossa, é “punk” para mim [risos], então, às vezes, eu ouço o despertador e fico: meu Deus, será que eu vou hoje? Será que eu fico em casa dormindo? E medicação, já fui ao psicólogo, ele disse que não, mas eu penso que eu tenho que tomar, porque eu sou muito ansiosa, nunca estou no presente, eu sempre estou pensando lá na frente, sabe? Minha mente não para”. (EU6)

O ensino superior representa uma fase de grande relevância na vida do estudante e um período de mudanças, seja no âmbito pessoal, social ou familiar. A entrada na universidade pode ser considerada a concretização de um sonho, além de ser uma ocasião para a realização de projetos de vida. Todavia, é interessante compreender que inserir-se nesse cenário não significa estar preparado para as mudanças que acompanham o momento de transição, sobretudo para os estudantes da área de saúde. Vivenciar o processo acadêmico pode ocasionar o distanciamento de casa, além de gerar sentimentos de insegurança e medo, que podem afetar negativamente a trajetória do estudante⁽²⁰⁾.

Segundo estudos^(1,21), os universitários procuram pelas substâncias de acordo com suas necessidades, sem apresentar, necessariamente, algum transtorno mental. O psicotrópico de primeira escolha é da classe dos antidepressivos, seguido dos ansiolíticos, anticonvulsivantes e estimulantes do Sistema Nervoso Central. Com isso, o uso irracional dessas medicações vem aumentando gradativamente na sociedade, especialmente no ambiente acadêmico, marcadamente por conta dos conflitos emocionais ligados às demandas da universidade, o que torna necessário buscar formas de alívio.

Os dados deste estudo convergem com resultados de uma pesquisa realizada em Goiânia com 105 acadêmicos dos cursos de Fisioterapia, Educação Física e Biomedicina, onde a maioria dos estudantes (70,5%) fazia uso de psicotrópicos, porém não para tratamento de transtornos mentais. Os medicamentos mais utilizados foram: antidepressivos, estabilizadores de humor, ansiolíticos e antipsicóticos. Além disso, 8,6% dos participantes faziam uso de psicotrópicos para melhorar o desempenho cognitivo através do aumento da concentração, da memória e do estado de alerta, sendo Venvanse®, Ritalina® ou Concerta® os utilizados para esse fim⁽²²⁾.

Algo que precisa ser alertado é que o uso indiscriminado de medicamentos psicotrópicos levanta preocupações de saúde, pois pode estar relacionado a um padrão de consumo de substâncias que exige atenção e cuidado⁽²³⁻²⁴⁾. Os depoimentos desvelados demonstram que a medicalização faz parte do cotidiano de alguns jovens estudantes, mesmo não sendo intensão do estudo captar estudantes usuários. O uso dos psicotrópicos perpassa sua existência, quer seja pelas mazelas da vida, influência de amigos e/ou familiares, comparações, ou, até mesmo, pela sua aproximação com as ciências da saúde.

Emergiram relatos que, por vezes, tinham a ver com situações delicadas vivenciadas pelos estudantes no passado, como casos de abuso e conflitos familiares.

“[...] estou correndo um processo na justiça e isso está causando muita ansiedade, porque eu tenho medo até de sair de casa. Foi horrível, porque eu já tinha passado isso quando criança [...] se não tivesse vindo a polícia, teria acontecido de novo. Eu tomo bastante remédios, já há uns cinco anos. Eu tenho transtorno de borderline e sou bipolar [...] vou começar uma medicação nova, mas ainda não me sinto preparada, porque a gente sabe que tem muito efeito colateral, eu sinto enjoo, não consigo dormir, comer, então eu estou esperando passar a semana de ATP [Atividade Teórico-Prática] para eu começar, mas eu dependo muito dela, eu não sei viver sem [...]”. (EU3)

A narrativa deste participante perpassa um caso que tangencia a violência. No Brasil, este é um fenômeno complexo, com raízes históricas e nas grandes desigualdades sociais. Nesse sentido, as tentativas de enfrentamento necessitam ancorar-se em uma política de promoção da saúde, e isso exige uma abordagem de cunho interdisciplinar, que envolva políticas sociais inclusivas. Nos últimos anos, as ações de enfrentamento das violências foram implementadas por meio de políticas públicas articuladas, inclusive por entender que o consumo de drogas também gera a violência. Contudo, ainda há necessidade de reduzir problemas causados por violências, devendo constituir-se como causa prioritária para gestores, profissionais de saúde e para a sociedade em geral⁽²⁵⁾.

Os depoimentos dos estudantes indicam que a ansiedade e o medo relacionados ao ambiente acadêmico podem levar à medicalização. Essa percepção está alinhada com estudos anteriores que indicam um aumento no uso de psicotrópicos entre universitários, mesmo sem diagnóstico formal de transtornos mentais⁽²³⁻²⁵⁾. No entanto, a reflexão crítica sobre a realidade⁽¹⁷⁾ deve considerar não apenas a experiência individual, mas também os determinantes sociais e coletivos. Assim, torna-se necessário discutir até que ponto o uso dessas substâncias é resultado de uma decisão individual ou de um contexto social que naturaliza a medicalização como solução para desafios emocionais.

Codificação e Descodificação: a comunidade universitária precisa ter empatia e propor alternativas

A codificação e decodificação constituem etapas conjuntas, nas quais ocorre a contextualização e a problematização dos TG, que possibilitam a tomada de consciência do mundo. Quando se utiliza o diálogo, essa consciência surge naturalmente, de acordo com o interesse dos participantes. Estes vão substituindo visões preexistentes do dia a dia e desenvolvem um olhar crítico e consciente da sua realidade. A decodificação é a análise da situação vivida, um momento dialético em que os participantes passam a refletir sobre sua ação e se questionam sobre ela. Além disso, refazem seu poder reflexivo e se reconhecem como seres capazes de transformar o mundo⁽¹⁸⁾.

O moderador retomou os diálogos anteriores e apresentou aos participantes algumas figuras (exercícios, florais, yoga, meditação, psicoterapia, família, auriculoterapia, alimentação saudável). A discussão, nessa fase, fez emergirem situações-limite, que são os obstáculos a serem superados⁽¹⁷⁾, a partir dos significados atribuídos a tais figuras, como: ausência da família e dos afetos, o que gera ansiedade; medo do desconhecido; medo de viver novamente situações que foram traumáticas; ansiedade, causada pela frustração de esforçar-se e, mesmo assim, tirar notas baixas nas provas.

O moderador pediu, então, que refletissem sobre possíveis soluções para as situações limite encontradas, sem que elas passassem pelo uso de medicações e surgiram alternativas, como: “atividade física” (EU3); “boa alimentação” (EU2); “corrida, meditação” (EU1); “família” (EU5); “terapias alternativas, como PICS [Práticas Integrativas e Complementares]” (EU4).

A sociedade do século XXI é uma sociedade de consumo de ilusões, na qual não é incomum vender uma imagem, por exemplo, como se fosse um elixir para a felicidade. Quando as pessoas não conseguem se enquadrar na imagem ostentada repetidas vezes pela mídia ou não alcançam um produto que é símbolo de *status*, não se consideram adequadas e tampouco se identificam como pessoas de sucesso. Além disso, a velocidade das informações, a fluidez das relações e o imediatismo são mecanismos que contribuem para a origem de patologias psíquicas, como a ansiedade, a depressão, etc⁽¹⁾. Por tudo isso, o expressivo aumento da utilização de medicamentos entre jovens acontece em um momento social e político instável. Dados educacionais latino-americanos, em alguns países cujas condições são muito desfavoráveis em relação à qualidade da educação, são cruéis, sobretudo quando analisados sob a ótica dos índices de aproveitamento escolar. Estes dados não incluem o Brasil⁽²⁴⁾. Já em nosso país, um estudo aponta que o uso sem prescrição médica de estimulantes (NMUPS), como Adderall e Ritalina, está fortemente associado ao consumo de outras substâncias, incluindo álcool, maconha, cocaína e alucinógenos. Estudantes que usam esses estimulantes sem prescrição têm maior probabilidade de se envolver em padrões de consumo problemáticos de outras drogas⁽²³⁾.

Alguns depoimentos que fizeram parte dessa etapa passaram pela compreensão sobre o que pode ser feito em relação aos sentimentos anteriormente revelados:

“[...] entender que nenhuma dor é maior que a outra, todo mundo sente diferente, cada um tem os seus problemas, que, às vezes, por mínimo que seja, é um problema, incomoda, e a gente precisa entender que, independente da situação, da pessoa, do problema, é uma questão do outro, precisamos ter empatia e respeito”. (EU3)

“É saber que o meu problema não é único, o do outro também não, está todo mundo igual”. (EU6)

“[...] os professores e a universidade em si poderiam ser mais compreensivos, acolher melhor os nossos problemas”. (EU15)

“[...] foi bem bom, para ter esperança né? Entender que passa, que tudo vai ficar bem”. (EU7)

“[...] a empatia é necessária, porque eu acho que todo mundo aqui, se precisar, apoiaria o outro, e é um ambiente seguro”. (EU3)

Em muitos casos, quando uma pessoa enfrenta dificuldades para se adaptar às normas impostas pela mídia, pelas empresas ou pela sociedade, busca ajuda na medicalização. Isso ocorre, entre outros fatores, porque essa abordagem pode ser percebida como uma solução rápida e acessível para lidar com desafios individuais e estruturais⁽²⁵⁾. No entanto, há o risco de que, ao se tornar uma estratégia recorrente, a medicalização acabe mascarando questões mais profundas, criando uma dependência crescente e uma busca contínua por um estado idealizado de bem-estar.

É importante naturalizar certos acontecimentos inerentes à vida que possam gerar tristeza. A família e a sociedade têm papel importante nessa criação e as instituições formadoras também têm sua parcela de responsabilidade. Elas precisam criar condições favoráveis à prática de hábitos saudáveis de vida e oferecer ferramentas que estimulem a aceitação da autoimagem, o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e a prática regular de atividade física⁽²⁶⁾.

Durante o Círculo, o moderador convida os participantes à reflexão sobre possíveis soluções para as situações-limite, sem, necessariamente, optar pelo uso de medicações. Dentre as respostas, emerge a opção por soluções alternativas, como as Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS). Embora estas sejam recomendadas para os serviços de APS e avaliadas positivamente nas ciências e nos sistemas de saúde, trata-se de um processo lento e marginal, havendo discussão sobre sua inserção ou integração nesses serviços. Além disso, esse processo não ocorre sem críticas e resistências dos profissionais⁽²⁷⁾.

A medicalização do sofrimento acadêmico não pode ser analisada apenas como uma escolha individual dos estudantes. Estudos apontam que fatores institucionais, como a pressão por desempenho, a falta de suporte emocional e a estrutura dos cursos universitários, contribuem para a busca por substâncias que prometem aliviar a ansiedade e melhorar a concentração⁽²⁵⁻²⁶⁾. Além disso, a normalização do uso de psicofármacos na sociedade e na cultura acadêmica reforça essa prática. Dessa forma, compreender o fenômeno apenas pela ótica individual pode reforçar estigmas e negligenciar a necessidade de mudanças estruturais no ensino superior.

Desvelamento Crítico: as pessoas precisam aprender sobre expressão emocional e alternativas para o sofrimento

O desvelamento crítico é o momento da construção do conhecimento por meio da revelação de conceitos emergentes, partindo do individual para o coletivo. Representa a efetiva tomada de consciência da realidade em que a situação vivenciada e compartilhada na fase da codificação é problematizada e decodificada. Essa realidade

passa a ser reelaborada. Com isso, o que era desconhecido ou não percebido passa a ser conhecido e desvelado, implicando na transformação do contexto atual. Assim, ocorre o processo de ação-reflexão-ação⁽¹⁷⁾.

No segundo Círculo, houve o desvelamento crítico dos temas geradores, validando, com os estudantes, as temáticas que emergiram e reforçando reflexões sobre as alternativas para o consumo exagerado de medicações e a relação com a P4. Também, refletiu-se sobre o papel da Enfermagem nesse contexto.

Nesse dia, foi organizada uma trilha com 20 estações. Os estudantes foram organizados em duplas e lhes foram apresentados dois cubos (dados) numerados de 1 a 6, os quais deveriam ser arremessados. Posteriormente a essa ação, os estudantes podiam avançar pela trilha respondendo aos questionamentos escritos em papel EVA em cada estação.

Ao chegar na estação, o estudante encontrava questionamentos, como: Como se sente em relação aos temas elencados? O que pode ser feito em relação a isso? O que entende por P4? Cite, em uma palavra, algo que represente uma ação de P4. Qual o papel da Enfermagem nessa perspectiva? A proposta disparou a reflexão aos envolvidos e, ao avançarem pelas etapas da trilha, emergia uma espécie de disputa entre os pares, favorecendo o processo dialógico.

Os depoimentos dos estudantes validaram percepções anteriores e avançaram, a partir da demonstração de uma percepção acerca do conceito de P4 sobre práticas preventivas para evitar danos, impedir erros e oferecer ao paciente possibilidades alternativas de cuidado:

“Eu compreendo a Prevenção Quaternária como uma forma de evitar danos ao paciente, ele não ficar tomando remédio por qualquer coisa”. (EU2)

“A P4 é forma preventiva de cuidar do paciente, prevenindo de erros de medicamentos”. (EU8)

“Como futuros profissionais, temos que estabelecer uma forma diferente de tratar o paciente, ouvir ele de forma mais acolhedora, indo além da queixa”. (EU4)

“Na minha visão, o sinônimo de P4 é conhecimento, vai além do básico, juntamente com um processo educacional dos usuários”. (EU12)

Ao término da atividade, o mediador dialogou com os presentes sobre o tema – a P4 – sinalizando para o conceito presente na literatura e evidências científicas, ressaltando o papel do enfermeiro como prescritor, no contexto dessa prática.

Foi desvelada a relevância do papel do profissional de saúde na prescrição adequada dos psicotrópicos, a fim de identificar a real necessidade do indivíduo e relacionar com a aplicabilidade do fármaco. Nesse sentido, a P4 é um conceito cuja discussão tem evoluído nos centros formadores e, até mesmo, nos serviços de saúde. É preciso que as ações de P4 sejam compreendidas, inclusive, pelos próprios estudantes, futuros prescritores, que contribuirão para proteger os indivíduos da intervenção excessiva⁽²⁸⁾.

As percepções dos estudantes tangenciam e, por vezes, aproximam-se da compreensão sobre a importância de medidas de cuidado frente às condutas terapêuticas excessivas e, por vezes, desnecessárias, principalmente o uso abusivo de fármacos. Eles mapearam alternativas menos invasivas e opcionais de cuidado, como a atividade física, a alimentação e as terapias alternativas.

O uso irracional de medicações, o rastreamento de doenças, que gera cascatas de intervenções, potencialmente iatrogênicas, são um risco de adoecimento à população e requerem que se aplique o princípio da precaução^(5,8). Este orienta que, em caso de risco de dano significativo à saúde (qualquer ação de prevenção aditiva), deve haver demonstração científica consistente quanto aos resultados (evidências), atestando que os estragos sejam nulos ou mínimos e os benefícios amplos. Porém, isso nem sempre ocorre nas ações preventivas, que incluem uso de medicações, por exemplo, pois implica atualização crítica pela literatura científica atualizada, de modo a avançar na qualidade das decisões sobre recomendações de cuidado⁽²⁹⁾.

Atualmente, a P4, na APS, ganhou visibilidade no processo de trabalho em saúde ao sinalizar alternativas éticas voltadas à qualificação da ação profissional, inclusive do enfermeiro. Salienta-se que é preciso atenção em relação às ações preventivas, que, por vezes, induzem ao dano, não consistindo em medidas aceitáveis ou justificáveis, uma vez que estimulam a sobremedicalização e os sobretratamentos. A P4 tem relação com a parte da medicalização social derivada do cuidado clínico-sanitário, ou seja, quanto mais P4, menor a medicalização excessiva, originária da ação profissional e institucional⁽⁸⁾.

É importante reconhecer que algumas situações de saúde nem sempre exigem intervenções médicas imediatas, como gripes, insônia, excesso de atividades acadêmicas ou laborais, e o luto, entre outras. Essas experiências

fazem parte da vida e, embora possam gerar desconforto e insegurança, muitas vezes são transitórias e podem ser superadas sem a necessidade de medicalização precoce⁽³⁰⁾. Neste estudo, os estudantes refletiram sobre essa questão e compreenderam que, em muitos casos, é possível atravessar essas dificuldades sem o uso de medicação, confiando no tempo e em estratégias de enfrentamento naturais. A fala *“tudo vai ficar bem”* ilustra essas reflexões, no contexto do diálogo.

Esta pesquisa, então, contribui para a reflexão crítica dos universitários sobre o uso de psicotrópicos, sobretudo quanto aos riscos causados por esse hábito de forma indiscriminada, tanto para a sua saúde como para a dos pacientes. Estes, futuramente, serão cuidados por eles, como profissionais da saúde. Cabe salientar ainda, que os estudantes da área da saúde, muitas vezes, são vistos como modelo de comportamento social diante do consumo de drogas. Esta credibilidade do profissional tem sua prática voltada às ações de promoção da saúde, principalmente, e pode se tornar frágil quando o estudante tem o hábito de consumir drogas. Nessa direção, espera-se instigar os futuros enfermeiros para que sejam agentes de mudança e inspiração de um estilo de vida saudável e livre de dependências, contribuindo positivamente para a valorização da profissão, por meio da P4.

Para além disso, abordar essa questão de maneira dialógica, por meio de Círculos de Cultura, corrobora a gestão do cuidado em saúde do próprio estudante. Ela propõe formas de tranquilizá-lo frente às suas debilidades, trazendo à luz suas particularidades e individualidade como meios de promover a saúde e prevenir danos.

Ao analisar o uso de psicofármacos entre estudantes universitários, é fundamental considerar determinantes sociais e estruturais que influenciam esse comportamento. A falta de investimento em políticas de suporte à saúde mental nos ambientes acadêmicos, a competitividade exacerbada e a precarização das condições de ensino são aspectos que precisam ser discutidos. Como aponta Freire⁽¹⁷⁾, a educação deve ser um espaço de emancipação, e não um ambiente que reforce lógicas de sofrimento e exclusão. Dessa forma, pensar em alternativas coletivas para lidar com o sofrimento psíquico dos estudantes é essencial para romper com ciclos de medicalização e estigmatização.

Como limitação desse artigo, destaca-se a pouca participação dos estudantes no primeiro encontro, embora o método não tenha sido prejudicado. Recomenda-se que pesquisas participativas sejam realizadas, aliadas às necessidades dos indivíduos, como forma de produzir conhecimento. Além disso, sugere-se propor alternativas para resolvê-los de maneira pedagógica e coletiva, despertando o futuro enfermeiro para a atitude crítica e protagonista, além da mudança de comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar na universidade e tudo o que ela representa causa ansiedade aos estudantes. A ansiedade e o medo do desconhecido, por vezes, levam à medicalização desnecessária. É preciso compreender que a espera e a expressão emocional podem ser atitudes necessárias antes de buscar por terapêutica medicamentosa, além de recursos alternativos, como o exercício, sono e alimentação saudável. Nesse processo, a sociedade também desempenha um papel crucial, oferecendo apoio, compreensão e criando ambientes que favoreçam o bem-estar emocional e a saúde integral de todos. Entender que, via de regra, *“tudo vai ficar bem”* também foi um desfecho desvelado pelos estudantes, pois é natural algum nível de ansiedade entre jovens universitários.

Os TG indicam que a P4 necessita ser abordada de maneira mais aprofundada durante a formação acadêmica, especialmente porque os estudantes demonstraram uma compreensão superficial sobre esse nível preventivo. As percepções dos estudantes estão alinhadas de forma parcial com o que a literatura apresenta sobre a P4, com destaque para questões como o uso irracional de psicotrópicos e a crescente necessidade de práticas alternativas, como as PICS ou mudança de hábitos na promoção da saúde.

Por fim, os Círculos de Cultura proporcionaram um momento de trocas, desabafo e empatia, despertando uma reflexão crítica e, possivelmente, uma mudança de hábitos.

CONFLITOS DE INTERESSE

Não há nenhum tipo de conflito de interesses.

CONTRIBUIÇÕES

Carine Vendruscolo e Rui Carlos do Sacramento contribuíram na elaboração e delineamento do estudo, aquisição, análise e interpretação de dados, e redação do manuscrito. **Ediliz da Silva e Maria Izabel de Abreu Bertuzzi** contribuíram na elaboração e delineamento do estudo, aquisição, análise e interpretação de dados. **Leila Zanatta e Andréa Noeremberg Guimarães** contribuíram na redação do manuscrito.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

REFERÊNCIAS

1. Gotardo AL, Silva CM, Madeira HS, Peder LD. O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de um centro universitário de Cascavel, Paraná [Internet]. SaBios: Rev Saúde e Biol. 2022 [citado 09 jan 2024];17(1):1-10. Disponível em: <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/sabios/article/view/3225>
2. Pires PLS, Soares GT, Brito IE, Lima A, Junqueira MAB, Pillon SC. Correlação do uso de substâncias psicoativas com sinais de ansiedade, depressão e estresse em estudantes de enfermagem. Rev Aten Saúde. 2019;17(61):38-44.
3. Sousa JV, Teles, BKA, Sousa JV, Monteiro NMAT, Azevedo LB, Haupenthal R Jr, et al. A prevalência do uso de drogas por estudantes de medicina: uma revisão integrativa [Internet]. Rev. Educ. Saúde. 2024 [citado 19 abr 2024];12(1):60-69. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/7429/5229>
4. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira [Internet]. Rio de Janeiro: Fiocruz/ ICICT; 2017 [citado 19 abr 2024]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>
5. Norman AH, Tesser CD. Prevenção quaternária na atenção primária à saúde: uma necessidade do Sistema Único de Saúde [Internet]. Cadernos de Saúde Pública. 2020[citado 10 jan 2024];25(9):2012-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XcDF968JkS97DqmfD8RhqhF/>
6. Jamoulle M, Roland M, Bae J-M, Heleno B, Visentin G, Gusso GDF, et al. Ethical, pedagogical, socio-political and anthropological implications of quaternary prevention. Rev Bras Med Fam Comunidade [Internet]. 2018[cited 2024 Jan 10];39(4):383-393. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30321004/>
7. Forte ECN, Pires DEP, Scherer, MDA, Soratto J. Muda o modelo assistencial, muda o trabalho da enfermeira na Atenção Básica? [Internet]. Tempus, acta de saúde colet. 2018[citado 19 abr 2024];11(2):53-58. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2338/1777>
8. Schopf K, Vendruscolo C, Silva CB, Geremia D, Souza AL, Angonese L. Prevenção Quaternária: da medicalização social à atenção integral na Atenção Primária à Saúde [Internet]. Escola Anna Nery. 2022[citado 10 jan 2024];26:1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0178>
9. Tovani JBE, Santi LJ, Trindade EV. Use of psychotropic drugs by students from the health area: a comparative and qualitative analysis. Revista Brasileira de Educação Médica [Internet]. 2021[cited 2024 Feb 12];45(3):1-10. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/HtgxzLrp7WRVkmSqSMmq4mH/>
10. Abreu VSM, Teles DO, Rodrigues HBV, Pires JM, Soares PRAL, Aquino PS, et al. Risk factors for Central Nervous System drug use among nursing students. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2022[cited 2024 Jan 18];75(4):e20210756, Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/957XrJcHmBcgc3tCGfVXysQ/>
11. Preta BOC, Miranda VIA, Bertoldi AD. Psychostimulant Use for Neuroenhancement (Smart Drugs) among College Students in Brazil. Substance Use & Misuse [Internet]. 2019[cited 2024 Mar 12];55(4):613–21. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31790311/>
12. Tavares TR, Coimbra MBP, Oliveira CKR, Bittencourt BF, Lemos PL, Lisboa HCF. Avaliação do uso de psicofármacos por universitários. Rev Ciênc Méd Biol [Internet]. 2021 [citado 10 mar 2024];20(4):560-567. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/43820>
13. Kantorski LP, Brum NA, Menezes ES, Silva PS, Santos CG, Almeida MD, et al. Psicotrópicos: uso por estudantes universitários antes e durante a pandemia de doença por coronavírus [Internet]. J Nurs Health. 2022[citado 10 mar 2024];12(3):1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/jonah.v12i3.3576>
14. Lelis KC, Brito RV, Pinho S, Pinho L. Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários [Internet]. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. 2020 [citado 13 jan 2024];23(1):09-14. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rpesm/n23/n23a02.pdf>

15. Araújo RS. A educação popular e a sua multiplicidade de perspectivas: aspectos históricos e teórico-conceituais de uma concepção em movimento [Internet]. *Rev. Ed. Popular* 2023[citado 13 jan 2024]; (Edição Especial):46–68. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69001>
16. Souza JB, Barbosa MHPA, Schmitt, HBB, Heidemann ITSB. Círculo de cultura de Paulo Freire: Contribuições para pesquisa, ensino e prática profissional da enfermagem [Internet]. *Rev Bras Enferm.* 2021[citado 13 jan 2024];74(1):1-5. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tJ7yxnDCD8cKJb7JYWRX7yk/?format=pdf&lang=pt>
17. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2018.
18. Antonini FO, Heidemann ITSB. Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire: Contribuições para Promover a Saúde no Trabalho Docente [Internet]. *Rev Bras Enferm.* 2020[citado 18 jan 2024];73(4):1-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/C6dx6SyfFgm9xBtTnWcDhh/?lang=pt>
19. Dejours C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: Chalot J-F, organizador. *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas*: v.1. 3. ed. São Paulo: Atlas; 1996. p.149-174.
20. Paula CCS, Campos RBF, Souza MCRF. Irrational use of medicines: a cultural perspective. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2021[cited 2024 Jan 18];7(3): 21660–76. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25683>
21. Bojanić I, Sund ER, Bjerkeset O, Sivertsen B, Sletvold H. Psychological Distress and Use of Psychotropic Drugs Among University Students-the SHoT Study, Norway. *Frontiers in psychiatry* [Internet]. 2021[cited 2024 Fev 23];12(717955);1-8. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8488085/>
22. Freitas J, Hussein N, Caldeira A, Gigonzac T, Gigonzac M, Rodrigues F, et al. Uso de Psicotrópicos entre Acadêmicos da Saúde em uma Universidade Pública de Goiânia – Goiás: Reflexões para a Gestão da Saúde Pública [Internet]. *ARACÊ*. 2024 [citado 13 jan 2025]; 6(4):18783-9. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2586>
23. Kilmer JR, Fossos-Wong N, Geisner IM, Yeh J-C, Larimer ME, Cimini MD, et al. Nonmedical Use of Prescription Stimulants as a “Red Flag” for Other Substance Use. *Substance Use & Misue*. [Internet]. 2021[cited 2024 Fev 18];56(7):941–9. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8174530/>
24. Beserra MA, Carlos DM, Leitão MNC, Ferriani MGC. Prevalência de violência na escola e uso de álcool e outras drogas entre adolescentes [Internet]. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2019[citado 19 dez 2024]; 27:1-13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2124.3110>
25. Bernardelli LV, Pereira C, Brene PRA, Castorini LDC. A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais [Internet]. *Avaliação*. 2022[citado 18 jan 2024]; 27(1):49–67. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/c6Th7LNHGQHMH8V37KmJVZx/>
26. Sousa BOP, Souza ALT, Souza J, Santos AS, Santos MA, Pillon SC. Nursing students: medication use, psychoactive substances and health conditions. *Rev Bras Enferm.* [Internet]. 2020 [cited 2024 Fev 13];73(Suppl 1):1-8. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0003>
27. Adams J, Hollenberg D, Lui C-W, Broom A. Contextualizing integration: a critical social science approach to integrative health care. *J Manipulative Physiol Ther* [Internet]. 2009[cited 2024 Jan 12];32(9):792-798. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20004808/>
28. Tesser CD, Norman AH. Quaternary prevention and medicalisation: inseparable concepts. *Interface* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jan 13];25(1):1-15. Available from: <https://doi.org/10.1590/interface.210101>
29. Vendruscolo C, Tesser CD, Pires DEP, Peres AM, Fonseca GS, Stipp MAC. A prevenção quaternária e a interprofissionalidade na atenção primária a saúde. In: Vendruscolo C, Tesser CD, Adamy EK, organizadores. *Prevenção Quaternária: proposições para a educação e prática interprofissional na Atenção Primária a Saúde*. Porto Alegre: Moriá; 2021.p.31-44.
30. Martins C, Godycki-cwirko M, Heleno B, Brodersen J. Quaternary prevention: reviewing the concept. *European Journal of General Practice* [Internet]. 2018 [cited 2024 Jan 20];24(1):106-11. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13814788.2017.1422177>

Primeira autor e endereço para correspondência

Carine Vendruscolo
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Rua Mato Grosso, 545 E
Bairro: Jardim Itália
CEP: 89814-080 / Chapecó (SC), Brasil.
E-mail: carine.vendruscolo@udesc.br

Como citar: Vendruscolo C, Sacramento RC, Silva E, Bertuzzi MIA, Zanatta L, Guimarães NA. Uso irracional de psicotrópicos e prevenção quaternária: círculo de cultura com universitários. **Rev Bras Promoç Saúde.** 2025;38:e15165. <https://doi.org/10.5020/18061230.2025.15165>
